

Repensar a noção de “crise migratória”: Por uma cobertura jornalística ética e humanitária sobre as dinâmicas de mobilidade humana

Liliane Brignol¹; Guilherme Curi²

Recibido: 30 de julio de 2020 / Aceptado: 26 de diciembre de 2020

Resumo. Neste artigo, em um primeiro momento, buscamos problematizar a noção de “crise migratória” e discutir o papel da mídia, especialmente o jornalismo, na construção de sentidos sobre as dinâmicas contemporâneas de mobilidade humana. A partir dessa crítica central, descrevemos a experiência de um curso de extensão para comunicadores sobre migrações transnacionais e levantamos perspectivas que permitam compreender a ideia de crise associada às migrações como estratégia discursiva, que reforça a construção do medo do outro ao posicionar o deslocamento humano no âmbito securitário e que cristaliza o entendimento da migração enquanto um problema isolado, passível de ser resolvido apenas dentro dos limites do estado nacional. Em última instância, visamos contribuir para a proposição de novas gramáticas e abordagens sobre as migrações transnacionais no campo midiático, que considerem a necessidade de enfrentamento ético e humanitário que o tema exige.

Palavras-Chave: Mídia; Migrações; Jornalismo; Crise.

[es] Repensar la noción de “crisis migratoria”: por una cobertura periodística ética y humanitaria de la dinámica de la movilidad humana

Resumen. En este artículo, buscamos problematizar la noción de “crisis migratoria” y discutir el rol de los medios de comunicación, especialmente el periodismo, en la construcción de significados sobre la dinámica contemporánea de la movilidad humana. A partir de esta crítica central, describimos la experiencia de un curso de extensión para comunicadores sobre migraciones transnacionales y planteamos perspectivas que permiten entender la idea de crisis asociada a la migración como estrategia discursiva, que refuerza la construcción del miedo al otro al colocar el desplazamiento humano en el contexto de la seguridad y cristaliza la comprensión de la migración como un problema aislado, que sólo puede resolverse dentro de los límites del Estado nacional. En definitiva, buscamos contribuir a la proposición de nuevas gramáticas y enfoques sobre las migraciones transnacionales en el ámbito mediático, que consideren la necesidad de confrontación ética y humanitaria que requiere el tema.

Palabras-clave: Medios de comunicación; Migraciones; Periodismo; Crisis

[en] Rethink the notion of “migratory crisis”: For an ethical and humanitarian journalistic coverage of the dynamics of human mobility

Abstract. In this article, at first, we seek to problematize the notion of “migratory crisis” and discuss the role of the media, especially journalism, in the construction of meanings about the contemporary dynamics of human mobility. From this central criticism presented, we describe the experience of an extension course for communicators on transnational migrations. Thus, we raise perspectives that allow us to understand the idea of crisis associated with migrations as a discursive strategy. As presented, it reinforces the construction of fear of the other when positioning the human displacement in the insurance sphere and that crystallizes the understanding of migration as an isolated problem, which can be solved only within the limits of the national state. Ultimately, we aim to contribute to the proposition of new grammars and approaches on transnational migrations in the media field, which consider the need for ethical and humanitarian confrontation that the theme requires.

Keywords: Media; Migration; Journalism; Crisis

Sumário: 1. Introdução. 2. Migração entre múltiplas crises. 3. “Crise migratória”: entre a noção de problema e o medo do outro. 4. Extensão, formação e trocas de saberes sobre mídia e migrações. 5. Por uma nova gramática comunicacional: migrações além da crise. 6. Referências.

Cómo citar: Brignol, L. & Curi, G. (2021). Repensar a noção de “crise migratória”: Por uma cobertura jornalística ética e humanitária sobre as dinâmicas de mobilidade humana. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico* 27 (1), 63-72. <https://dx.doi.org/10.5209/esmp.71464>

1. Introdução

¹ Universidade Federal de Santa Maria (Brasil)
E-mail: liliane.brignol@ufsm.com

² Universidade Federal de Santa Maria (Brasil)
E-mail: curi.guilherme@gmail.com

A chamada “crise migratória” virou cartola de jornal ou editoria em sites de notícias no Brasil e no mundo. Basta uma rápida procura no Google, maior plataforma de buscas online, para encontrarmos em veículos midiáticos online, editorias e espaços de notícia sobre a chamada “crise migratória” que o mundo estaria passando hoje. Desde a página da BBC, principal rede pública de rádio e televisão do Reino Unido, com uma seção intitulada *Europe Migrant Crisis*, passando pelos principais portais de notícia do Brasil, como G1.com, da Rede Globo, mídia hegemônica corporativa, até na própria *Wikipedia*, maior enciclopédia digital colaborativa do mundo, encontramos a utilização do termo.

Partimos da premissa que o conceito de crise está atrelado aos deslocamentos humanos e à perspectiva securitária de como os mesmos são tratados, algo já constatado em pesquisas recentes (Anderson, 2013; De Genova, 2013; Bordoni, 2016, Abdo, Cabecinhas e Brites, 2019). O policiamento de fronteiras e a abordagem securitária do tema são reproduzidos através de um espetáculo midiático que representa reiteradamente cenas de “exclusão”, a partir da perspectiva dos possuem interesses econômicos e políticos para o mantimento da ordem mundial vigente, na qual os países ricos e desenvolvidos lucram com a mão de obra barata dos imigrantes provenientes de países subdesenvolvidos. Tais espetáculos hegemônicos, segundo De Genova (2013), ajudam a gerar uma constelação de imagens e formações discursivas, que constroem repetidamente a criminalização do migrante. Ou seja, a constante reafirmação de estado de crise migratória tem valor, lado e sentido.

Neste artigo, buscamos problematizar tal noção e discutir o papel da mídia, especialmente o jornalismo, na construção de sentidos sobre as dinâmicas contemporâneas de mobilidade humana. As inquietações aqui apresentadas foram motivadoras de um curso de extensão para comunicadores sobre mídia e migrações transnacionais, realizado no segundo semestre de 2019, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como parte das ações do grupo de pesquisa “Comunicação em rede, identidades e cidadania” (UFSM/CNPq), em parceria com o Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão “Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional” (MIGRAIDH/CSVM - UFSM), responsável técnico na instituição pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello³.

A partir desta experiência, este artigo tem como objetivo discutir de forma crítica como as mídias hegemônicas representam os fluxos migratórios contemporâneos e, muitas vezes, contribuem para a criminalização dos mesmos ao utilizar, principalmente, o termo “crise migratória”, entre outras terminologias que tendem a associar os deslocamentos com uma perspectiva securitária de preservação da ordem das fronteiras nacionais. Além disso, refletimos sobre

a proposta de extensão universitária voltada à promoção de aperfeiçoamento profissional sobre o tema, como um esforço de integração entre universidade e sociedade, em um momento em que o próprio campo das mídias questiona os seus limites e discute as suas “crises”, sobretudo no âmbito jornalístico, marcadas pela perda de credibilidade e consequente afastamento dos seus públicos, bem como pela discussão e disputa em torno do papel de jornalista.

Diante de um cenário de inegável transformação nos modos de conceber e produzir o jornalismo, em uma perspectiva problematizadora que exige tensionar os modelos sobre os quais se discute a noção de crise (Leal, Jácome e Manna, 2014), quais seriam as possibilidades transformadoras das narrativas jornalísticas na construção de sentidos compartilhados sobre os fluxos migratórios contemporâneos? Quais as principais dificuldades enfrentadas pelo profissional da Comunicação no momento da cobertura de um tema ligado às migrações contemporâneas? O que implica a adoção da noção de “crise migratória” como síntese das dinâmicas de refugiados, migrantes econômicos e de outras lógicas de deslocamento pelo globo? Estas foram algumas questões enfrentadas durante o curso de extensão e sobre as quais discutimos aqui.

A experiência teve a duração de quatro semanas, obteve 65 inscritos, com o total de 49 participantes, entre profissionais e estudantes que trabalham na área de Comunicação, como Jornalismo, Publicidade Propaganda, Produção Editorial e Relações Públicas, no contexto da região de Santa Maria, centro do estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Refletimos aqui sobre algumas propostas de abordagem crítica que possam questionar as representações midiáticas mais recorrentes do tema, de modo a buscar desconstruir a associação redutora entre crise e migrações. Tais constatações, somadas às observações empíricas obtidas durante o curso e nas investigações desenvolvidas pelo grupo de pesquisa, sustentam os argumentos que virão a seguir. Em última instância, visamos contribuir para a proposição de novas gramáticas e abordagens sobre as migrações transnacionais através das diferentes mídias contemporâneas.

2. Migração entre múltiplas crises

Em um esforço de radiografar a conjuntura de mudanças sociais e econômicas de nosso tempo, Bauman e Bordoni (2016) partem de uma recuperação de possíveis sentidos do termo crise, empregado de maneira muitas vezes difusa. “Falando de crise de qualquer natureza que seja, nos transmitimos em primeiro lugar o sentimento de *incerteza*, de nossa

³ Programa da ACNUR (Agência da ONU para Refugiados) de cooperação com centros universitários brasileiros e com o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) que visa promover educação, pesquisa e extensão acadêmica voltada à população em condição de refúgio.

ignorância da direção que as questões estão prestes a tomar” (p.16).

Ouvimos falar sobre a crise da bolha imobiliária, a crise do Estado, a crise da democracia liberal, a crise climática, muitas delas alicerçadas por uma dimensão, sobretudo, financeira. “Qualquer acontecimento adverso, em especial os concernentes ao setor econômico, é ‘culpa da crise’”, discorre Bordoni (2016, p.9), ao entender a atribuição associada a uma responsabilidade despersonalizada, “a qual liberta indivíduos de todo e qualquer envolvimento e faz alusão a uma entidade abstrata, o que soa vagamente sinistro” (Bordoni, 2016, p.9). A noção se instaura para marcar um mundo em que nossos conceitos já não dão mais conta de interpretar, como bem expôs Ulrich Bech (2018), para quem a ideia de crise ou de transformação precisa ser substituída pela de metamorfose, tamanho o caráter de deslocamento que provoca.

Quando associada às dinâmicas migratórias, a ideia de crise vincula-se a um conjunto de imagens que circulam ao redor do globo: deslocamento de refugiados decorrentes de guerras e desastres ambientais, fortalecimentos de muros e fechamento de fronteiras, migrações forçadas, naufrágios, caravanas de migrantes, menores desacompanhados detidos em centros de controle migratório, conflitos em situação da chegada indesejada de novos fluxos em diferentes países. Imagens amplamente difundidas e compartilhadas em uma sociedade baseada no espetáculo e que está pronta para consumir o conteúdo que lhes é ofertado, como afirmam Abdo, Cabecinhas e Brites (2019), ao refletirem sobre o papel da mídia na formação da opinião pública a respeito do tema de forma, muitas vezes, acrítica e espetacular. Para os autores, que reproduzem a ideia de crise para se referir à chegada de milhões de refugiados ao continente europeu desde 2014, o fenômeno evidencia também uma problemática de ordem humanitária, expõe a incapacidade dos países em desenvolver políticas migratórias comuns, ao mesmo tempo em que indica a urgência de se rever as lógicas dos meios de comunicação, seus critérios de noticiabilidade e a literacia midiática em torno de debates sensíveis como o da mobilidade humana.

O discurso midiático sobre as migrações baseado na contagem do número de migrantes e na expectativa alarmante da chegada, muito vezes associado ao que Van Djik (1997) identificou como “jogo de cifras”, pouco contribui para a informação e a interpretação do fenômeno. O que as matérias costumam ocultar são as causas e consequências destes deslocamentos, suas implicações históricas, sociais, econômicas e culturais, imbricadas em situações concretas da vida dos que migram e dos que convivem com as migrações, pois no mundo de hoje ninguém pode escapar ao global. Como lembra Beck (2018): “o global – isto é, a realidade cosmopolizada – não está apenas lá fora, mas constitui a realidade estratégica vivida de todos” (p.21).

Tais observações são fundamentadas por um conjunto de pesquisas sobre representações e discursos sobre as migrações que identificam uma tendência de ênfase em aspectos econômicos, relacionados a questões de segurança ou a políticas migratórias, que muitas vezes culpam ou vitimizam o migrante (Van Djik, 1997; Retis, 2004; Cunha, 2003; Cogo, 2006).

Como estratégia discursiva identificada mais recentemente no noticiário sobre o tema, a noção de “crise migratória” associa-se a um conjunto de termos que reforçam a criminalização do fenômeno e de seus atores, adjetivados como “ilegais”, “clandestinos”, “irregulares”, ou associados a expressões como “invasão”, “chegada massiva”, “nova onda migratória”, entre outros. De modo geral, reduzida a uma associação de palavras, a “crise migratória” passa a ser usada para justificar discursos e políticas xenofóbicas em diferentes países, ajudando a ocultar a complexidade das relações globais implicadas no trânsito de pessoas entre as fronteiras nacionais.

Bridget Anderson (2013), em um estudo sobre a cobertura da mídia e debate público no Reino Unido sobre as questões migratórias, afirma que a distinção entre “nós” e “eles”, ou seja, locais e imigrantes, na contemporaneidade, cria relações sociais, políticas e econômicas de exclusão. Para a autora, a exclusão de migrantes ajuda a definir os privilégios e limitações da cidadania, além disso, a atenção especial à fronteira (física e metafórica) revela muito sobre como nos entendemos enquanto sociedade em forma de discurso. Neste sentido, de acordo com Anderson, o migrante é uma construção normativa e também legal muito problemática, pois o status de migração não se refere apenas a questões jurídicas, mas também ao status no sentido de valor e dignidade.

Estratégias de representação redutoras e, muitas vezes, carregadas de estereótipos, são acionadas pelas mídias e ajudam a construir os sentidos socialmente compartilhados sobre as migrações e os migrantes. Tais abordagens são problematizadas na discussão teórica a seguir, que sustentou a formação proposta em nosso curso de extensão universitária.

3. “Crise migratória”: Entre a noção de problema e o medo do *outro*

Com base no levantamento bibliográfico e em nossas pesquisas anteriores, percebemos que a adjetivação da migração como “crítica” dá-se em um mundo marcado pela centralidade da mídia atravessado pela velocidade das tecnologias digitais da comunicação. Segundo Sodré (2011, p. 11), tais mídias instituem-se como “boca de Deus”, ou seja, “uma síntese universal que fetichiza a realidade e reduz a complexidade das antigas diferenças ao *unum* do mercado” – podem tanto operar e reiterar tais construções discursivas ou contribuir para a elaboração de uma nova – e talvez possível – ordem em determinados locais.

Logo, a linguagem, afirma Sodré, não é apenas designativa, mas, principalmente, produtora de realidade. Assim, a mídia é, como a velha retórica, uma técnica política de linguagem, potencializada ao modo de uma “antropotécnica política”, ou seja, “uma técnica formadora ou interventora na consciência humana”, que requalifica a vida social, “desde costumes e atitudes até crenças religiosas, em função da tecnologia e do mercado” (p. 26), o que implica também, “um novo tipo de relacionamento do indivíduo com referências concretas ou com quem se tem convencionalmente designado como verdade, ou seja, uma condição antropológica” (p.27).

A partir desta constatação observamos que tais práticas funcionam como uma espécie de dispositivo discursivo responsável por esconder as dinâmicas da perversidade do sistema capitalista global (Santos, 2001) que força o deslocamento de pessoas. Assim, o próprio sistema capitalista atual retroalimenta-se do constante estado de crise, que gera contínuas expulsões (Sassen, 2016). O ato de migrar já não é mais uma escolha, mas uma condição de sobrevivência nesta nova configuração mundial.

Como defende Toledo de Souza (2016), ao problematizar a narrativa construída sobre o “tempo da crise dos refugiados” (especificamente, em sua argumentação), “a retórica da crise é a crise da própria retórica” (p.190). Segundo o pesquisador, o próprio estatuto do refúgio estaria fundado como uma crise, assinalando os limites do Estado de gerir uma proteção adequada, bem como marcando a distribuição de proteção às pessoas como forma de gestão biopolítica de controle dos fluxos migratórios.

No campo midiático, a “crise migratória” funciona como estratégia discursiva que aciona a todo o momento dois principais sentidos: a construção do medo do *outro* ao posicionar o deslocamento humano para o âmbito securitário (Anderson, 2013) que reforça a ideia de perigo em relação ao estranho, ao estrangeiro, o que perturba a ordem estabelecida; e a associação da migração a um problema, sempre pensado de forma isolada, que precisa ser resolvido dentro dos limites do estado nacional.

O medo do migrante, construído a partir do reforço da sua condição de estrangeiridade, está intimamente ligado às tensões produzidas pela teoria social liberal e suas instituições, como fundamenta Appadurai (2009). Como parte das dimensões culturais da globalização, em um movimento de resposta diante das incertezas provocadas pelas mudanças na vida social, reforçam-se ideologias nacionalistas, que tendem a recuperar ideias de limpeza étnica. Para o autor, as minorias num mundo globalizante são uma lembrança constante da incompletude da pureza nacional. Diante do que nomeia como “ansiedade da incompletude” (p. 47), os migrantes, juntamente com doentes, nômades, dissidentes religiosos e outros grupos sociais minoritários, ganham o status de bodes expiatórios e têm sido alvo de preconceito e xenofobia. Como matéria fora do lugar, as minorias, segun-

do Appadurai, são responsáveis por tornar nebulosas as fronteiras “entre nós e eles, aqui e ali, dentro e fora, sadio e doente, leal e desleal, necessário, porém não bem-vindo” (p.40). Neste contexto, ao reproduzir o termo “crise migratória”, a mídia acaba, muitas vezes, por reforçar sentidos que associam fluxos migratórios ao medo de ruptura da ordem, responsáveis por reforçar o desejo de eliminar as diferenças, geradoras de incerteza e incompletude. Da mesma forma, como “crise”, as dinâmicas de mobilidade humana – forçadas ou voluntárias, econômicas ou motivadas por outros fatores –, transformam-se em problemas assumidos desde uma posição de defesa, em um processo já identificado por Sayad (1998, p.269) como a “presença ilegítima do migrante”, traduzida como uma espécie de limite à perfeição esperada da ordem nacional.

A partir da ambiguidade de sua presença-ausência, aceita apenas na condição de trabalho e sob a tensão da provisoriidade, como adverte Sayad (1998), o migrante é empurrado a um lugar à margem na hierarquia social. “Um imigrante só tem razão de ser no modo provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho” (p. 55). Nesta dinâmica, a própria pesquisa sobre a migração, na crítica de Sayad, configura-se como a pesquisa sobre a constituição da migração enquanto um problema social, antes mesmo de se tornar um objeto de estudo (p. 56).

Diante disso, ao analisar a produção de discursos hegemônicos, como o que aqui nos propomos a discutir sobre a chamada “crise migratória” na mídia, Bhabha (1998) afirma que não apenas o bloco social é heterogêneo, “como também o trabalho da hegemonia é ele mesmo o processo de interação e diferenciação” (p. 61), que emoldura o *outro* em uma estratégia maniqueísta, dual. Com isso, “o *outro* perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional” (p. 65).

Em sentido aproximativo, podemos pensar que a emergência da pauta das migrações na mídia também se restringe, muitas vezes, a sua percepção enquanto desvio da normalidade ou problema a ser resolvido, sobretudo por sua dimensão econômica, mas também por suas implicações sociais. No “Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil”, Cogo e Badet (2013), já sinalizavam para este limite ao recomendar focalizar as migrações como tema e não como um problema, de maneira a enfatizar aspectos pouco explorados na cobertura, como o cotidiano e as contribuições culturais dos migrantes.

Em “Migrações, Refúgio e Apatridia - Guia para Comunicadores”, organizado em 2019, já aparece uma recomendação para que se evite o uso dos termos “crise migratória” e “crise de refugiados”, considerados bastante comuns para se referir às migrações na mídia, especialmente sobre grandes fluxos, pois

reforçam uma visão xenofóbica de que o migrante ou estrangeiro em geral pode ser entendido como um problema a ser solucionado. O guia (2019) ressalta ser importante considerar que não se trata de crise migratória ou de refugiados: “mas, sim, de alguma crise política, econômica ou humanitária no país de origem, que provoca um deslocamento migratório significativo dos nacionais daquele país, impelidos a buscarem lugares onde possam salvar suas vidas ou encontrar” (2019, p. 11).

A partir deste ponto de vista, relacionada à crítica que fazemos à ideia de “crise”, é possível vincular o migrante aos outros que são excluídos ou incluídos, como “criminosos”, em uma dualidade simbólica também identificada por Georgiou, Chouliaraki e Zaborowski (2019), em amplo levantamento de estudos críticos sobre a representação da migração na mídia europeia. “Por um lado, o migrante surge como vítima de conflitos geopolíticos que necessitam de proteção, mas, por outro lado, ele aparece como uma ameaça à ordem global centrada na nação e deve ser excluído da comunidade de acolhimento” (Georgiou, Chouliaraki e Zaborowski, 2019, p. 18).

Ambos os “quadros” de representação (como vitimização ou como ameaça) são entendidos enquanto conectados ao falharem em captar a dimensão humana do migrante, impedirem o seu reconhecimento simbólico e regularem a forma como as emoções públicas relativas às migrações são construídas e associadas a possibilidades de ação. Tais constatações, alicerçadas na análise de conteúdo sobre a cobertura a respeito da “crise dos refugiados” no ano de 2015 em jornais de oito países europeus, levada a cabo ao longo de um ano por pesquisa sistemática desenvolvida no *Department of Media and Communications – London School of Economics and Political Science* (Georgiou, Chouliaraki e Zaborowski, 2019), dialoga com os sentidos que destacamos antes e o modo como as representações midiáticas das migrações foram problematizadas entre profissionais e estudantes que participaram do curso.

4. Extensão, formação e trocas de saberes sobre mídia e migrações

Quais seriam então os caminhos práticos para a elaboração de possíveis narrativas jornalísticas que contemplem os sentidos compartilhados e questões humanitárias sobre os fluxos migratórios contemporâneos? Em outras palavras, como os profissionais da comunicação poderiam cobrir os deslocamentos humanos diante deste mundo aparentemente global e democrático, mas repleto de desigualdades sociais e disputas de sentidos, no qual o termo “crise” parece ser um dispositivo discursivo ambíguo, vital para o sistema capitalista contemporâneo, mas distante da complexidade dos processos por ele implicados?

A partir destes questionamentos e das reflexões teóricas até aqui apresentadas, propusemos o projeto

“Curso de Extensão para Comunicadores sobre Mídia e Migrações Transnacionais”. O curso foi dividido em quatro módulos de ensino, organizados em quatro encontros: conceitos e noções básicas sobre as migrações transnacionais; políticas migratórias locais, estaduais, nacionais e internacionais; cultura, comunicação e diversidade e suas relações com a comunicação midiática; e o papel da mídia no mundo contemporâneo e global.

Como principais perfis dos participantes do curso tivemos jovens entre 18 e 35 anos, muitos deles estudantes de graduação e também pós graduação da área de Comunicação, Relações Internacionais e Direito, e alguns profissionais que trabalham na área de Comunicação em jornais locais, agências de Publicidade Propaganda e como Relações Públicas em empresas privadas e órgãos governamentais da região de Santa Maria, sul do Brasil.

As principais motivações dos participantes, debatida no primeiro encontro do curso, foram o interesse em pautas e temas ligados aos direitos humanos e o desconhecimento sobre questões específicas sobre migrações internacionais, muitas delas referentes aos direitos dos migrantes, bem como o acesso a dados qualitativos e quantitativos sobre os fluxos migratórios no Brasil e no mundo. Alguns manifestaram o interesse em conseguir contatos com as instituições da sociedade civil brasileira responsáveis pela acolhida dos imigrantes em território nacional, além de buscar investir na qualificação profissional continuada.

Como brevemente exposto, o objetivo principal foi promover formação e aperfeiçoamento para profissionais e estudantes do campo da Comunicação através do conhecimento e atualização sobre a trajetória dos movimentos migratórios no Brasil e no mundo, além de analisar o papel de suas construções midiáticas na promoção de relações interculturais das sociedades contemporâneas.

Procuramos, inicialmente, conhecer as demandas e os conhecimentos prévios sobre a temática migratória entre os participantes para buscar aproximá-los do debate humanitário e não securitário e meramente instrumental sobre migrações transnacionais. Para tanto, procuramos construir um diálogo com as perspectivas teóricas aqui apresentadas (Anderson, 2013; De Genova, 2013; Bordoni, 2016; Abdo, Cabecinhas e Brites, 2019; Georgiou, Chouliaraki e Zaborowski, 2019), de modo a estabelecer contextualizações sociais, comunicacionais e históricas para refutar a noção de crise migratória discutida na primeira parte deste artigo. As dinâmicas e discussões propostas no curso dialogam com o que entendemos por um exercício ético da profissão de comunicadores diante da temática e do papel da mídia na promoção de direitos humanos, diversidade cultural e cidadania universal. Neste sentido, apresentamos, ao longo do curso, materiais de referência para auxiliar os comunicadores no processo de produção de conteúdos sobre o tema.

No primeiro dia, além da apresentação dos participantes, foi realizado um painel baseado no tex-

to sobre os doze equívocos sobre as migrações, de Grimson (2011). Nesta apresentação, todos os pontos foram contextualizados através de matérias jornalísticas produzidas pela mídia de referência, em exemplos de reportagens, documentários e notícias em que a migração é ora descrita como um problema, ora relacionada com a pobreza, além de, continuamente, representar o migrante como sinônimo de mão de obra (Sayad, 1998). A partir de uma introdução sobre a dimensão histórica das migrações e de um panorama do cenário atual no Brasil e no mundo, também foi possível levantar questões sobre o papel da mídia na representação das migrações e o impacto na construção de um senso comum que tende a superestimar o fenômeno⁴ e, logo, temê-lo.

No segundo encontro, o foco foi dado especialmente às questões jurídicas relacionadas às migrações transnacionais, uma das principais motivações da participação dos estudantes do curso e pontuadas por autores contemporâneos que pesquisam o tema (Anderson, 2013; De Genova, 2013; Bordoni, 2016). Neste módulo, pesquisadores da área de Direito da UFSM apresentaram as principais orientações referentes aos processos migratórios, como o Direito Internacional dos Refugiados, além de esclarecerem dúvidas sobre a temática e proporcionar o debate entre os presentes, prática que se repetiu durante todo o curso. Entre as principais questões dos estudantes e profissionais, identificamos a dificuldade em diferenciar o estatuto do refúgio de outras categorias jurídicas (como imigrantes, turistas, apátridas, deslocados ambientais), bem como a falta de conhecimento sobre a Nova Lei de Migração no Brasil (nº 13445/2017). Para Anderson (2013), os desafios que a migração e os migrantes representam para as democracias questionam justamente o cerne dos princípios de igualdade, direitos, autonomia, liberdade e associação. Portanto, foram apresentados aspectos históricos da legislação e, de maneira crítica, foi possível pensar sobre como o Estado legitima e reproduz uma compreensão negativa do fenômeno migratório, assim como refletir sobre as possibilidades de pensar as migrações a partir da dimensão dos direitos humanos, aproximando assim questões de cunho jurídico às produções midiáticas atuais.

No terceiro encontro, os pesquisadores do curso apresentaram suas investigações, em andamento nos programas de pós-graduação da UFSM, em diferentes áreas das Ciências Humanas, principalmente na Comunicação, com o objetivo, mais uma vez, de aproximar a discussão acadêmica das práticas comunicacionais exercidas pelos participantes. Além disso, foram apresentados alguns conceitos teóricos que contribuem para a ampliação dos aspectos a serem

considerados na abordagem da mobilidade humana pela mídia, como interculturalidade, transnacionalismo e minorias sociais. Ao final, matérias jornalísticas, peças publicitárias e campanhas foram distribuídas com o objetivo de que os participantes, divididos em grupos, realizassem uma análise de conteúdo, a partir de um roteiro pré-estabelecido, baseado nas reflexões desenvolvidas ao longo do curso e nos guias de migrações para comunicadores.

No último módulo, como atividade de encerramento, as análises das matérias foram discutidas pelos comunicadores. Muitas considerações e críticas foram apontadas, principalmente no sentido dos limites éticos no uso da imagem dos migrantes e nas formas de abordagem superficiais do tema, incluindo a identificação de representações dicotômicas sobre o “bom” e o “mau” migrante, a migração esperada e a indesejada, a migração como problema ou ameaça, tal qual observado nos estudos que sustentaram a base teórica do curso. Como exemplo, foi destacado o quanto os veículos midiáticos utilizam de dados quantitativos para descrever ações que habitam o campo subjetivo das migrações e que acabam assim reforçando a noção de crise das migrações.

Ao final do encontro, foi realizado um exercício em grupo, com propostas de matérias e conteúdos midiáticos sobre as migrações providas dos participantes, inseridas nos horizontes e possibilidades trabalhados no curso. As sugestões dos comunicadores dialogaram com o material que fizemos circular com a cobertura de mídias alternativas ou produções dos próprios coletivos migrantes (como sites de associações ou mídias migrantes) que buscam romper com a narrativa limitada da “crise das migrações” de forma securitária e, por vezes, desumana.

Além da avaliação qualitativa feita no último encontro, posteriormente, foi enviado por e-mail um questionário online com perguntas abertas e de múltipla escolha, no intuito de avaliar se os objetivos haviam sido alcançados e também servir para reflexão sobre a experiência de troca de saberes com a comunidade profissional⁵.

Ao todo, dezessete participantes retornaram o instrumento online. Entre as perguntas abertas, buscamos conhecer os principais pontos que o participante desconhecia sobre a temática das migrações antes do curso; o que, na prática profissional dos participantes, poderia ser repensado após a experiência; e de que modo o curso contribuiu para a formação profissional.

De modo geral, os participantes apontaram desconhecer algumas questões jurídicas, históricas e contextuais sobre migrações transnacionais além de destacar a carência de formação para tratar do tema. Participaram também do curso comunicadores atuantes

⁴ Percebido, por exemplo, na pesquisa “Perigos da Percepção 2018” realizada pelo instituto Ipsos, a qual indica que os brasileiros superestimam em cerca de 75 vezes o número de imigrantes que residem no país. De acordo com o levantamento, os entrevistados acreditavam que a população brasileira era formada por 30% de imigrantes, quando, na verdade, são cerca de 0,4%. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/perigos-da-percepcao-2018>

⁵ É válido ressaltar que optamos aqui por referir na íntegra a resposta de alguns dos participantes e omitimos os nomes destes no sentido de preservar a privacidade dos mesmos.

tes em mídias locais alternativas, que destacaram a preocupação pelo tratamento dado aos entrevistados e o papel do jornalismo na produção de conhecimento, o que pode ser identificado em uma das avaliações do curso, assim expresso por um dos respondentes dos questionários, ao pontuar que a temática das migrações, por ser complexa, gera muitas dúvidas e que as aulas do curso serviriam para que ele pudesse repassar as informações sobre o tema para os demais colegas de profissão.

Neste sentido, ao identificarmos os pontos que os participantes desconheciam sobre a temática das migrações transnacionais, pudemos perceber a necessidade de uma formação interdisciplinar para o tratamento das múltiplas facetas do tema. Foi o que expressou, por exemplo, um participante ao afirmar que o curso havia proporcionado a ele ampliar e aprofundar sobre as questões migratórias e as nuances do trabalho que antes não eram claras para ele, como a interface do trabalho com outras áreas do Direito, Sociologia e Comunicação.

Outro comunicador pontuou que o curso proporcionou questionamentos sobre expressões naturalizadas pelo discurso jornalístico e no senso comum, tais como: ondas migratórias, massas de migrantes e, mesmo, crise migratória, assumidas, muitas vezes, de maneira acrítica pelos produtores de conteúdo. A partir do curso, alguns comunicadores indicaram passar a questionar expressões até então naturalizadas e que acabam por fazer circular sentidos negativos associados ao fenômeno migratório.

Sobre as práticas que poderiam ser repensadas, destacam-se as respostas que identificam a dimensão humanitária do fenômeno, além da importância da preparação para a realização de entrevistas com pessoas em situação de refúgio e migrantes, bem como o cuidado na seleção dos enquadramentos usados pela mídia. Tais pontos dialogam diretamente com um dos objetivos do curso, que foi suscitar mudanças na forma de representar e noticiar os deslocamentos humanos hoje.

Partindo de um esforço de não criar uma polarização entre mídia hegemônica comercial e mídia alternativa ou mesmo pressupor uma formação unidirecional (dos pesquisadores que sabem para os jornalistas que erram em suas abordagens ao tratar do tema), o curso permitiu compartilhar desafios, erros e acertos no tratamento do fenômeno migratório, com a observação de exemplos concretos de representações diversas sobre a temática.

Como apontou a avaliação final, as principais dúvidas que surgiram estavam relacionadas com a identificação de pautas para além da perspectiva securitária e com a proposição de abordagens compreensivas para entrevistas, baseadas na necessidade de escuta do outro. A identificação do conhecimento superficial sobre questões jurídicas e de cidadania migrante que circulam no senso comum e na própria mídia também levou a se problematizar sobre cuidados que devem ser tomados pelos profissionais da área para não re-

produzir perspectivas que se dividem entre uma humanização de relatos que vitimiza a figura do migrante e tira a sua agência, por um lado, ou que replica um discurso dominante que busca soluções fáceis para barrar os fluxos migratórios, entendidos enquanto riscos para a população local, por outro. Pesquisar pautas que contemplem uma diversidade de motivações para migrar e suas consequências sociais, econômicas, políticas e culturais no contexto local (para além da cobertura das agências de notícias) e incluir os migrantes como fontes de matérias sobre temáticas variadas (não apenas a própria experiência pessoal de deslocamento) foram outros desafios apontados pelos profissionais.

Como pudemos observar, a experiência do curso revela uma demanda profissional por formação continuada para a cobertura de temas complexos, como o das migrações, bem como a importância da construção de espaços de escuta, questionamento e trocas de saberes entre pesquisadores da área e a comunidade acadêmica e profissional. As pistas trazidas pelos relatos e questionamentos decorrentes do curso nos levam a reforçar a necessidade de construirmos outras gramáticas, mais éticas e humanitárias, sobre mobilidade humana nas mídias.

5. Por uma nova gramática comunicacional: migrações, muito além da crise

A reorganização nas tendências e características dos fenômenos migratórios no mundo exigem uma reavaliação dos paradigmas para a compreensão, produção de notícias e análise das migrações transnacionais na medida em que as novas modalidades de deslocamentos humanos não são mais caracterizadas apenas por sua expressão numérica, mas marcadas por uma rede complexa de significados. A experiência do curso de extensão nos permite reforçar a necessidade de reformulação da maneira como abordamos o tema. Como analisa ElHajji (2012), o fenômeno migratório na contemporaneidade é caracterizado, por “laços de sentido que se tecem e se densificam, costurando a teia simbólica global que vem cobrindo o mundo e reformulando a sua morfologia social e humana – discursiva, imaginária e biológica” (p.34). Logo, dentro desta teia simbólica global, está a comunicação, concebida como processo de vinculação social e interação intersubjetiva, arena fundamental onde se negocia o status social, cultural e político das migrações.

Ao criticarmos o uso da expressão “crise migratória” para informar sobre as dinâmicas dos fluxos migratórios no mundo, não negamos o drama humanitário vivido por milhares de pessoas que deixam suas casas em busca por melhores condições de vida. Dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM) revelam, por exemplo, que mais de 800 pessoas morreram, apenas em 2019, ao atravessar desertos, rios e regiões remotas, enquanto migravam entre países do continente americano.

Aliado ao aumento do fluxo migratório entre países, vemos o recrudescimento das políticas migratórias, o fechamento das fronteiras e a adoção de medidas que violam direitos humanos, o que confere relevância global para o fenômeno, explorado, muitas vezes, de forma superficial ou espetacularizada pela mídia. Desta forma, Castles (2006) questiona se os números globais refletem uma “crise migratória”, como alegam os meios de comunicação, os políticos e alguns acadêmicos, ou se são resultado de uma mudança de percepção. “Es importante comprender gran parte de la migración contemporánea (en particular los flujos que algunos consideran constituyentes de una “crisis migratoria”) como un aspecto integral de las relaciones norte-sur en la fase actual de la globalización” (p. 53), explica o pesquisador, para quem o que se percebe como uma “crise migratória” é, na verdade, uma crise nas relações norte-sul, provocada por um desenvolvimento não equitativo e de desigualdade exagerada.

Neste cenário é que apontamos a insuficiência da noção de “crise migratória” para dar conta das múltiplas facetas de um fenômeno geopolítico com implicações tão vastas. Buscamos assim identificar e trabalhar no curso de extensão proposto que a opção pelo termo tende a ocultar e reforçar enquanto estratégia discursiva que omite relações causais e consequências sociais do fenômeno, ao mesmo tempo em que se soma a um conjunto de termos que, historicamente, atuam de maneira a separar nacionais e migrantes, incluídos e excluídos, consolidando a ideia de ameaça que a emergência de uma crise carrega.

Parte dos questionamentos dos estudantes e profissionais que participaram do projeto aproxima-se dos dilemas que também vivemos em nossas pesquisas empíricas. Estão relacionados com a necessidade de escuta e de vigilância para que nosso olhar não naturalize as desigualdades. A dimensão intercultural das migrações transnacionais, o respeito às diferenças, a promoção dos direitos humanos deveriam ser preceitos básicos no tratamento de qualquer pauta jornalística sobre o tema, em um afastamento da cobertura burocrática, fundamentada exclusivamente em números, projeções e estatísticas que pouco informam sobre as experiências concretas da vida das pessoas.

Para o enfrentamento da questão, desde o campo da comunicação midiática, muitos movimentos são necessários, a começar por um debate profundo sobre as dinâmicas que vêm reconfigurando a produção, circulação e consumo de conteúdo informativo. Dentro da experiência aqui proposta, como parte das ações de divulgação dos resultados das nossas pesquisas, o “Curso de Extensão para Comunicadores sobre Mídia e Migrações Transnacionais” promoveu reflexões que buscaram complexificar a construção midiática sobre o tema e procuram responder a desafios éticos da profissão.

Através das análises sobre a cobertura midiática durante o curso, aliadas às discussões suscitadas por

pesquisas na área, buscamos construir coletivamente novas formas de pensar e realizar possíveis abordagens sobre os descolamentos humanos que questionem o discurso único da “crise”, a partir de uma agenda fundamentada na perspectiva dos direitos humanos universais, da cidadania e da interculturalidade.

Recuperando Leal, Jácome e Manna (2014), novas gramáticas sobre migrações na cobertura jornalística passam pelo rompimento de uma visão homogeneizante deste fazer profissional, em busca de uma perspectiva que encontra na diversidade de expressões jornalísticas uma de suas chaves importantes. Sem a pretensão, portanto, de apontar normativas que engessam experiências múltiplas, indicamos a importância de se construir outras posições de reconhecimento nas narrativas midiáticas, para além, por exemplo, do nacionalismo metodológico, criticado por Beck (2018). Não é possível pensar questões globais, como as lógicas de mobilidade humana, a partir de enfrentamentos de defesa de fronteiras nacionais, pois “o quadro de referência nacional nos cega para a rápida metamorfose da política mundial e, por isso, para questões que só podem surgir e ser analisadas na perspectiva cosmopolita” (p.215-6).

Da mesma forma, não é possível apenas falar sobre as migrações sem incluir a presença dos próprios migrantes como fontes, seja a partir do resgate de experiências individuais ou de ações coletivas de grupos organizados. Para que assumam o lugar de fontes jornalísticas, os migrantes precisam ter suas narrativas verdadeiramente reconhecidas em suas múltiplas dimensões, para além da pauta econômica e enquanto parte subalterna do mercado de trabalho.

Assim, é preciso aprofundar a capacidade de escuta dos profissionais da comunicação, de modo a investir na construção de narrativas que incluam uma pluralidade de vozes, construídas com e não apenas sobre o migrante ou o refugiado, muitas vezes confundidos em suas experiências ou resumidos a sua condição de vítimas. Por outro lado, é importante evitar as narrativas de superação, que individualizam questões sociais complexas, e reforçam discursos que privilegiam perfis específicos de migrantes e glamurizam lógicas meritocráticas ou de empreendedorismo social para migrantes (Zanforlin e Amaral, 2019), sem tensionar as desigualdades e exclusões implicadas neste processo.

Retomando as orientações dos guias de migrações para comunicadores e os resultados de pesquisas sobre representações midiáticas apresentadas, torna-se necessário abordar as migrações de forma transversal, de modo a contemplar seus vieses políticos, econômicos, sociais e culturais, provocando o questionamento de suas causas, consequências, recuperando sua historicidade e implicações no cotidiano dos sujeitos.

De modo resumido, trata-se de investir na dimensão intercultural das migrações transnacionais, baseada no respeito às diferenças e na promoção dos direitos humanos, em coberturas que rompam com representações focadas em falsas dicotomias, respon-

sáveis, muitas vezes, pelo agravamento da exclusão ou por uma inclusão precarizada do migrante apenas como mão-de-obra para o mercado de trabalho.

Pluralidade de vozes migrantes, diversidade de abordagens em pautas não restritas à cobertura da chegada de novos fluxos migratórios ou a enfoques econômicos, contextualização dos dados quantitativos, humanização de relatos que não reproduzam a exploração da imagem do migrante enquanto vítima, valorização da pluralidade de culturas migratórias (e não essencialização de marcadores de diferença), aproximação com entidades da sociedade civil em defesa da agenda migratória pelo viés dos direitos humanos, inclusão de migrantes como fontes de pautas diversas para além do relato de experiências pessoais e de superação, ruptura com construções que reforçam polarização entre migrantes e nacionais,

construção de abordagens que localizam trajetórias e situações concretas em contextos locais específicos, e não reprodução de termos e expressões de viés xenofóbico ou que levam à associação da migração exclusivamente como problema seriam as principais recomendações destacadas.

De crise, ou como problema isolado que separa nacionais e estrangeiros, a pauta da mobilidade humana passaria, assim, a ser pensada como parte de um contexto maior, de marginalização econômica, exclusão social e profunda desigualdade que nos atinge, bem como a partir das implicações transformadoras que as suas dinâmicas interculturais suscitam. Sem estes enfrentamentos, o jornalismo apenas reproduz discursos hegemônicos e securitários que pouco contribuem para a problematização do mundo em metamorfose em que vivemos.

6. Referências

- Abdo, C., Cabecinhas, R., & Brites, M.J. (2019) Crise migratória na Europa: os media e a construção da imagem dos refugiados. En Pinto-Coelho, Z; Marinho, S.; Ruão, T. (Eds.), *Comunidades, participação e regulação*. VI Jornadas Doutorais, Comunicação & Estudos Culturais. Braga: CECS, p. 71-83.
- Anderson, B. (2013) *Us and Them?: The Dangerous Politics of Immigration Control*. Oxford: Oxford University Press.
- Appadurai, A. (2009). *O medo ao pequeno número*. Ensaio sobre a geografia da raiva. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural.
- Bauman, Z., & Bordini, C. (2016). *Estado de crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beck, U. (2018). *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bhabha, H.K. (1998). *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Castles, S. (2006). Factores que hacen y deshacen las políticas migratorias. En Portes, A.; DeWind, J. (coords.): *Repensando las migraciones*. Miguel Ángel Porrúa, México, 33-66.
- Cogo, D. (2006). *Mídia, migrações e interculturalidade*. Rio de Janeiro, RJ: E-Papers; Brasília, DF: CSEM.
- Cogo, D., & Badet, M. (2013). *Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores – Migrantes no Brasil*. Bellaterra: Institut de la Comunicació-UAB/Instituto Humanitas-Unisinos.
- Cunha, I.F. (2003). *Imagens da imigração em Portugal. Media & Jornalismo*. Coimbra, 2 (2), 71-87.
- De Genova, N. (2013). *Spectacles of migrant 'illegality': the scene of exclusion, the obscene of inclusion, Ethnic and Racial Studies*, 36:7, 1180-1198. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01419870.2013.783710?scroll=top&needAccess=true>
- Elhajji, M. (2012). Rio de Janeiro – Montreal: Conexões transnacionais / Ruídos interculturais. En Cogo, Denise; Elhajji, Mohammed; Huertas, Amparo (Eds.). *Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 43-65.
- Georgiou, M., Chouliaraki, L., & Zaborowski, R. (2019) *As representações da diversidade nos media e o caso da “crise dos refugiados” na Europa: Uma análise transeuropeia da imprensa*. En: Cádima, Francisco Rui (Coord.) *Diversidade e Pluralismo nos Media*. Lisboa: Edição ICNOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade NOVA de Lisboa. https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/13930726/ICNOVA_Diversidade_Pluralismo_total_v2.pdf
- Grimson, A. (2011). Doce equívocos sobre las migraciones. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, 1 (233), 34-43. Recuperado de: http://nuso.org/media/articles/downloads/3773_1.pdf
- Leal, B.S., Jácome, P., & Manna, N. (2014). *A “crise” do jornalismo: o que ela afirma e o que ele afirma e o que ele esquece*. *Líbero*. São Paulo: 17 (34), 145-154. Recuperado de: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/113>
- Migrações, R., & Apatridia - *Guia para Comunicadores*. (2019). São Paulo: ACNUR, IMDH, MIGRAMUNDO, FICAS. Recuperado de: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf
- Retis, J. (2004). La imagen del otro: inmigrantes latinoamericanos en la prensa nacional española. *Sphera Pública – Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*. Murcia: Universidade Católica San Antonio de Murcia, 4, p. 119-139. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/297/29700408.pdf>
- Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record.
- Saskia, S. (2016). *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. 1.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.
- Sayad, A. (1998). *Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: EDUSP.

- Sodré, M (2011). *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- Toledo-de-Souza, F. (2016). Os refugiados e os direitos: entre a exceção, a escassez e o excedente. En PÓVOA NETO, Helion, SANTOS, Miriam de Oliveira, PETRUS, Regina. (Orgs.) *Migrações: rumos, tendências e desafios*. Rio de Janeiro: Polo Books.
- Van-Dijk, T. (1997). *A. Racismo y análisis crítico de los medios*. Buenos Aires: Paidós.
- Zanforlin, S.C., & Do-Amaral, R.M. (2019). Empreendedorismo para Migrantes: relações entre gastronomia, consumo cultural e economia criativa. *E-Compós*, 22 (1). Recuperado de: <https://doi.org/10.30962/ec.1647>

Liliane Brignol. Professora e pesquisadora do Departamento de Ciências da Comunicação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Integra o corpo docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação (POSCOM UFSM), atuando na linha de pesquisa Mídia e identidades contemporâneas. Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, São Leopoldo. RS, Brasil). Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. Coordenadora do grupo de pesquisa Comunicação em rede, identidades e cidadania (CNPq) e colaboradora do MIGRAIDH/CSVM - UFSM (Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional/ Cátedra Sérgio Vieira de Mello). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7323-038X>

Guilherme Curi. Pós-doutorando Capes/PrInt e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Doutor em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-Pós/UFRJ) com bolsa de pesquisa CNPQ (2016-2018). Bolsista pesquisador do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional (2015-2016). Mestre em Sociologia pela University College Dublin (UCD), Irlanda. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Usos Sociais da Mídia, do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC/URFJ) do Grupo de Pesquisa Diaspotics (Migrações Transnacionais & Comunicação Intercultural) e do Grupo de Pesquisa Comunicação em Rede, Identidades e Cidadania, do Migraidh/CSVM UFSM (Pesquisa, Ensino e Extensão em Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional/Cátedra Sérgio Vieira de Mello). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9464-4231>